

PHILIP W. COMFORT

MANUSCRITOS

UMA INTRODUÇÃO À PALEOGRAFIA

DO NOVO

E À CRÍTICA TEXTUAL

TESTAMENTO



Sumário

<i>Lista de imagens</i>	7
<i>Reduções Gráficas</i>	8
<i>Prefácio</i>	9
1. As publicações manuscritas do Novo Testamento Grego.....	11
2. Manuscritos importantes e edições impressas	83
3. Os manuscritos mais antigos do Novo Testamento	143
4. Os <i>nomina sacra</i> nos Manuscritos do Novo Testamento	259
5. Panorama histórico da variação textual do Novo Testamento Grego.....	331
6. Teorias e métodos de crítica textual do Novo Testamento.....	379
7. A prática da crítica textual do Novo Testamento.....	421
<i>Glossário de termos</i>	465
<i>Bibliografia</i>	483
<i>Índice de papiros, unciais e manuscritos cristãos do Novo Testamento</i>	495
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	499



Lista de imagens

$\mathfrak{P}^4 + \mathfrak{P}^{64} + \mathfrak{P}^{67}$	184	\mathfrak{P}^{13}	222
P. Oxirrinco 2404	185	P. Oxirrinco 852	223
P. Vindob. 29784	185	\mathfrak{P}^{20}	226
\mathfrak{P}^{32}	186	P. Geneva 253	227
P. Londres 130	186	\mathfrak{P}^{23}	228
\mathfrak{P}^{46}	192	P. Beatty IX, Ezequiel	230
P. Oxirrinco 3721	193	\mathfrak{P}^{39}	232
Rylands 550	193	P. Rylands 16	233
\mathfrak{P}^{52}	196	P. Oxirrinco 25	233
P. Oxirrinco 2533	196	\mathfrak{P}^{45}	236
P. Egerton 2	196	P. Mich. 3	237
P. Fayum 110	197	P. Rylands 57	237
\mathfrak{P}^{66}	202	\mathfrak{P}^{65}	238
P. Oxirrinco 1074	202	\mathfrak{P}^{49}	238
P. Berol. 9782	203	\mathfrak{P}^{48}	239
P. Lit. Londres 132	203	P. Oxirrinco 2341	239
\mathfrak{P}^{75}	206	\mathfrak{P}^{47}	240
P. Oxirrinco 2452	207	P. Tebtunis 268	241
P. Oxirrinco 1622	208	\mathfrak{P}^{95}	242
\mathfrak{P}^{77}	208	P. Rylands 542	243
P. Oxirrinco 1082	209	P. Rylands 547	243
P. Oxirrinco 2663	209	\mathfrak{P}^{111}	246
\mathfrak{P}^{87}	210	P. Giss. 40	247
P. Oxirrinco 841	211	P. Flor. 108	248
\mathfrak{P}^{90}	212	\mathfrak{P}^{115}	248
P. Oxirrinco 656	213	P. Flor. 259	248
P. Berol. 6845	220	P. Oxirrinco 1016	249
\mathfrak{P}^{104}	220	\mathfrak{P}^{92}	256
PSI 1213	221	P. Rylands 489	257



Reduções Gráficas

- BAGD *Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Bauer, Arndt, Gingrich, Danker) (1958)
- DJD *Discoveries in the Judean Desert*
- GLH *Greek Literary Hands* (C. H. Roberts)
- GMAW *Greek Manuscripts of the Ancient World* (2. ed., E. G. Turner)
- H *Catalogue des Papyrus Litteraires Juifs et Chretiens* (von Haelst)
- ISBE *International Standard Bible Encyclopedia* (Bromiley) (1979-88, 4 vols.)
- LSJ *A Greek-English Lexicon* (9. ed., Liddell, Scott, Jones)
- MM *The Vocabulary of the Greek New Testament* (Moulton and Milligan) (1930)
- Montev *La Papirologia* (2. ed.) (O. Montevicchi)
- NA²⁶ *Novum Testamentum Graece* (26. ed., Nestle-Aland) (1979)
- NA²⁷ *Novum Testamentum Graece* (27. ed., Nestle-Aland) (1993)
- NBD *New Bible Dictionary* (2. ed., Douglas, Hillyer) (1982)
- NU Texto de Nestle-Aland 26. ed./27. ed. [N] e de United Bible Societies 3. ed./4. ed. [U]
- TBD *Tyndale Bible Dictionary* (Elwell, Comfort) (2001)
- TCGNT *A Textual Commentary on the Greek New Testament* (2. ed., Metzger) (1994)
- TDNT *Theological Dictionary of the New Testament* (Kittel, Friedrich; tradução para o inglês de Bromiley) (1964-76, 10 vols.)
- UBS³ *Greek New Testament* publicado por United Bible Societies (3. ed., Metzger et al.) (1975)
- UBS⁴ *Greek New Testament* publicado por United Bible Societies (4. ed. corr., Metzger et al.) (1993)

Os manuscritos de Oxirrinco citados ao longo desse livro não recebem o mesmo tratamento bibliográfico das outras obras porque o leitor pode facilmente identificar o manuscrito específico de acordo com o número do papiro.

A *editio princeps* de todos os manuscritos do Novo Testamento citados ao longo deste livro é encontrada em cada manuscrito listado no capítulo 2.



Prefácio

Este volume é produto de muitos anos de estudo dos manuscritos do Novo Testamento. Durante esse período, examinei — muitas vezes — cada palavra de cada manuscrito antigo do Novo Testamento (com datação anterior a 300 d.C.) e, assim, produzi o livro intitulado *The text of the earliest Greek New Testament manuscripts* [O texto dos manuscritos mais antigos do Novo Testamento grego] (em coedição com David Barrett). Viajei para muitos estados e diversos países (incluindo Inglaterra, França e Suíça) para examinar manuscritos autênticos. Eu me envolvi profundamente com os manuscritos dos primeiros escribas cristãos de modo a compreender seu nível de competência e sua interação com o texto enquanto leitores. Minha dissertação de doutorado examinou especificamente as recepções de leitura de três escribas que produziram cópias dos Evangelhos (P⁴⁵, P⁶⁶ e P⁷⁵).

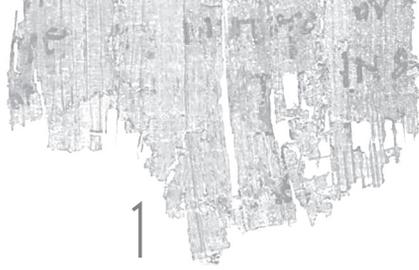
Durante esses anos, tenho também concentrado minhas energias propriamente na crítica textual do Novo Testamento, bem como na maneira que ela tem impactado as traduções do Novo Testamento em inglês. Isso me levou a escrever o volume *Early manuscripts and modern translations of the New Testament* [Manuscritos antigos e traduções contemporâneas do Novo Testamento] e, em seguida, *New Testament text and translation commentary* [O texto do Novo Testamento e comentário da tradução]. Como alguém que tem trabalhado tanto com a crítica textual do Novo Testamento quanto com a tradução do texto bíblico para o inglês (tive o privilégio de ser o coordenador de tradução da New Living Translation), tenho ampla consciência de quão importante é certificar-se de que nossas traduções para o inglês refletem a melhor evidência textual. Por ter contribuído nessa área com as obras mencionadas anteriormente, este livro — em seu foco principal — não se concentra em como a crítica textual tem impactado as versões em inglês. Todavia, o capítulo 4 — sobre os *nomina sacra* — oferece algumas reflexões de como tradutores para o inglês devem lidar com a tradução da palavra *pneuma* (“Espírito” ou “espírito”) e outros títulos divinos.

O foco deste livro está nos manuscritos do Novo Testamento que são mais importantes da perspectiva da paleografia e da crítica textual. A paleografia está relacionada à datação de manuscritos, bem como às características caligráficas

dos próprios manuscritos. Cada manuscrito tem uma história a contar; cada manuscrito nos abre uma janela para olhar a transmissão do texto do Novo Testamento nos primeiros séculos da igreja. A crítica textual está relacionada à avaliação crítica da confiabilidade do texto de cada manuscrito com respeito à recuperação da redação original do Novo Testamento grego. Esta obra abrange as duas áreas de estudo, examinando tanto a paleografia quanto a crítica textual à medida que abrimos os manuscritos do Novo Testamento.

Neste volume, busquei (1) explorar a participação do escriba na produção dos textos mais antigos do Novo Testamento, especialmente ao examinar as características caligráficas e paleográficas de seus manuscritos mais antigos; (2) apresentar uma lista anotada de todos os manuscritos e versões antigas que são importantes; (3) estabelecer datas para os manuscritos mais antigos; (4) examinar os *nomina sacra* nos manuscritos mais antigos; (5) apresentar a história da variação textual nos primeiros séculos da igreja; (6) explorar os vários métodos de recuperação da redação original do Novo Testamento grego e, para alcançar esse objetivo, avaliar os manuscritos quanto a seu grupo textual e sua influência na crítica textual do Novo Testamento; e (7) oferecer exemplos concretos da prática de crítica textual e, assim, identificar como os papiros influenciaram o texto do Novo Testamento grego.

O objetivo geral do livro é ajudar estudantes a interagir com o texto do Novo Testamento, antes de tudo pelo conhecimento e trabalho com os próprios manuscritos, e, depois, pelo conhecimento e trabalho com as ferramentas de crítica textual.



As publicações manuscritas do Novo Testamento Grego

Antes de os estudantes iniciarem seus estudos dos manuscritos do Novo Testamento e de sua crítica textual, eles precisam de alguma instrução a respeito da produção manuscrita do Novo Testamento nos primeiros séculos da igreja. Essa instrução ajudará os estudantes a entender como o Novo Testamento foi publicado, transmitido e distribuído para os primeiros cristãos. Portanto, neste capítulo vamos explorar sua publicação através da produção manuscrita. Examinaremos os manuscritos existentes do Novo Testamento e de outros textos cristãos para obter informações a respeito da publicação do Novo Testamento grego nos primeiros séculos da igreja. Iniciaremos com as publicações originais, então investigaremos as características dos manuscritos mais antigos em uma tentativa de reconstruir a história da publicação do Novo Testamento. Visto que a produção de manuscritos foi fundamental para a disseminação dos textos do Novo Testamento, nossos estudos devem começar aqui. Sem dúvida, a própria produção criou todas as variantes textuais em manuscritos sucessivos e criou a necessidade da crítica textual. Portanto, nossos estudos precisam começar com o processo de publicação, depois, examinar os próprios manuscritos (capítulos 2—4) e, então, estudar a crítica textual (capítulos 5—7).

Definindo publicação

Quando leitores contemporâneos pensam em publicação, eles imaginam um material escrito — sejam livros, sejam revistas, sejam jornais. Para as pessoas da Antiguidade, publicação significava tanto disseminação oral quanto escrita. Para que algo fosse publicado, como um poema ou uma proclamação política, era necessário que fosse disseminado para um número de pessoas por proclamação oral e/ou escrita. Na maioria das vezes, um relato escrito tornava-se um meio para a proclamação oral. Raramente, a forma escrita de um relato era a única maneira

de algo ser “publicado”. Muitas pessoas na Antiguidade não eram capazes de ler; elas dependiam de uma transmissão oral para receber uma publicação.

Assim, poetas antigos publicavam seus poemas mediante a proclamação oral. Homero publicou suas obras *Ilíada* e *Odisseia* oralmente; outros, depois de sua época, colocaram esses poemas na forma escrita. Sócrates, o importante filósofo grego, publicou suas ideias oralmente. Até onde sabemos, ele não as escreveu. Outras pessoas, particularmente Platão, transmitiu ao mundo um relato escrito dos esforços de publicação de Sócrates. A maioria dos poetas gregos do século 5 a.C. em diante escreveu seus poemas e os apresentou oralmente. Um exemplo notável disso é Píndaro, que viveu de 522 a 443 a.C. O maior de todos os poetas líricos escreveu poemas para serem recitados para atletas vitoriosos quando voltassem para casa das competições em Olímpia, Delfos, Nemeia e Corinto.

Jesus, o poeta e profeta místico, seguiu a tradição da publicação oral. Conforme a informação que temos, ele não anotou seus ensinamentos. Ele publicou as boas novas por meio de proclamação oral. Muitos de seus ensinamentos foram apresentados de um modo poético semelhante às profecias do Antigo Testamento. A proclamação poética auxiliava a memorização. Jesus era também o mestre da parábola. Essas histórias eram simples, únicas e, portanto, fáceis de memorizar. Um exame dos Evangelhos indica que o programa de publicação de Jesus — por meio de suas viagens pela Galileia e Judeia e pela proclamação das boas novas do reino — foi ampla e efetiva. Milhares e milhares de pessoas ouviram a palavra do próprio Jesus.

Em tempos antigos, o método de publicação oral foi mais efetivo do que o de publicação escrita. Livros eram caros para se produzir e muitas pessoas não tinham a capacidade de ler. A maioria dependia de uma proclamação oral e de uma recepção auditiva para receber mensagens. De fato, a maior parte da educação se baseava no discurso oral e recepção auditiva/memorização dos textos transmitidos. Assim, Jesus ensinou seus discípulos de forma oral, e eles guardavam seus ensinamentos de memória. Quando veio o tempo, muitos anos mais tarde, em que seus discípulos colocaram esses ensinamentos na forma escrita, eles foram ajudados pelo Espírito Santo, que lembraria os discípulos a respeito de tudo o que Jesus os havia ensinado (Jo 14.26). Os discípulos de Jesus, comissionados por ele, continuaram o mesmo trabalho de publicação após a morte e ressurreição de Jesus. Essa publicação é conhecida como o *kerygma* (palavra grega para “proclamação”). A palavra *kerygma* é tomada diretamente de uma prática bem conhecida nos tempos antigos. Um rei publicava seus decretos através de seu império por

meio de um *kerux* (um pregoeiro da cidade ou arauto). Essa pessoa, que muitas vezes servia de confidente próximo ao rei, viajava por todo o reino, anunciando para todo o povo o que o rei desejasse tornar conhecido. Em português, nós o conhecemos como arauto. Cada um dos discípulos no Novo Testamento se considerava como o *kerux* — um arauto e publicador das Boas Novas.

Paulo se autodenominou “um arauto e um apóstolo” (1Tm 2.7, NRSV; 2Tm 1.11, NRSV), pois sua função como apóstolo era ser um arauto. Paulo e os outros apóstolos do Novo Testamento tinham uma proclamação comum (*kerygma*) para levar ao mundo. Essa proclamação era uma “publicação” da morte, ressurreição e exaltação de Jesus. Primeiramente, a publicação era oral — por meio da pregação em várias cidades em todo o mundo greco-romano. Por fim, a publicação tornou-se tanto oral quanto escrita — por meio dos textos dos apóstolos, que eram proclamados nas igrejas em todo o mundo. Como pode se deduzir com base no livro de Atos e nos textos de Paulo, o querigma básico sempre focalizou a ressurreição de Jesus. Esse ato sobrenatural de Deus na história confirma as palavras e as obras de Jesus e constitui a base para a esperança cristã na imortalidade. Sem a ressurreição, a igreja não seria mais do que um grupo de pessoas religiosas bem intencionadas que haviam colocado a fé nos ensinamentos filosóficos e éticos superiores de um homem extraordinariamente talentoso. A ressurreição é prova inegável de que Jesus é quem afirmou ser. Portanto, o querigma é a declaração de que Cristo ressuscitou dos mortos e de que Deus, por meio desse grande ato, trouxe salvação.

Os primeiros apóstolos proclamaram o querigma a todos os crentes. Ao mesmo tempo, eles relatavam as obras e palavras de Jesus. Portanto, os cristãos do século 1 recebiam inicialmente uma apresentação oral do evangelho dos apóstolos que tinham estado com Jesus (veja At 2.42) e, posteriormente, os documentos escritos que preservaram a mensagem oral e perpetuavam a tradição apostólica (veja Lc 1.1-4). A proclamação oral era considerada uma forma de instrução catequética (originária da palavra grega *katecheo*; veja BAGD, p. 423) — um professor relatava as palavras e obras de Jesus, e a congregação repetia de forma oral o que era ensinado e guardava esse ensino na memória. (Essa era a maneira pela qual todo ensino ocorria nos períodos helenistas). De acordo com Gálatas 6.6, os professores na igreja antiga eram considerados catequistas, os proclamadores orais da palavra (veja tb. 1Co 14.19). De acordo com o prefácio de seu Evangelho (1.1-4), Lucas pretendia confirmar, por meio da palavra escrita, aquilo que Teófilo já tinha aprendido pelo catecismo — isto é, pela recitação